



ANTONIO COTRIM/LUSA

# Talentos que emigraram falam da sua experiência

● Numa semana em que o Governo lançou a hipótese de alguns quadros poderem emigrar para encontrarem soluções de vida, jovens gestores portugueses dão conta das suas experiências

tomóvel da Google, em Londres, concorda que a emigração "não é a única saída mas é uma saída", compreendendo "que as pessoas vejam com algum azedume" as declarações governamentais apesar destas não serem "nem mentira nem falsas".

"Há muitas oportunidades lá fora. Há vários países que são interessantíssimos, há vários sectores que estão a crescer, que estão a recrutar e portanto temos que olhar para esta crise, perceber quais são as áreas que estão a crescer, lutar e sair da nossa zona de conforto", defendeu, acrescentando que "os portugueses qualificados são muito bem vistos lá fora".

Rui Barros, de 34 anos, a trabalhar actualmente no Standard Bank, em Moçambique, considerou que "gerir um país assemelha-se, especialmente em situações de crise, a gerir uma empresa", salientando que "efectivamente Portugal não consegue neste momento oferecer oportunidades que a população procura localmente e, portanto, alguns recursos têm que ser alocados noutros" países. "Esta mensagem nas últimas semanas tem tomado um tom muito negativista que traz a Portugal aquilo que nós não precisamos. Portugal precisaria mais de uma onda positiva e efectivamente a discussão

LUSA  
Açoriano Oriental

Jovens gestores formados em Portugal e actualmente a trabalhar no estrangeiro, concordaram que a emigração é hoje uma das saídas para a crise do emprego em Portugal mas alertaram para os riscos, a longo prazo, desta fuga de talentos.

À Lusa à margem de um encontro de antigos alunos de economia e gestão, actualmente em cargos de topo, promovido pela Católica Porto Business School, três emigrantes qualificados deram o seu testemunho sobre a opção de saída de Portugal, numa semana em que as declarações do primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, sobre a emigração de professores desencadearam a discussão na opinião pública sobre o tema.

João Araújo, 24 anos, analista de indústria para o mercado au-



Ideia de emigração sugerida pelo primeiro-ministro Pedro Passos Coelho aos professores levou a protestos de rua

## Governo português garante presenças consulares em todo o mundo

➔ O secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Cesário, garantiu sexta-feira que funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros vão passar a deslocar-se aos locais não cobertos pela rede consular em todo o mundo. A presença consular "traduz-se, na prática, na deslocação de um funcionário do Ministério que, num determinado local dessas cidades, vai atender as pes-

soas que necessitem de um acto administrativo ou de um acto consular", disse o governante à Lusa mais de um mês após o Governo ter anunciado o encerramento de vários serviços consulares "Estas permanências consulares vão realizar-se periodicamente. A periodicidade depende de caso para caso, porque não vai ser igual em todo o lado. E vão passar a realizar-se em todo o mundo".

pública a que se tem assistido acaba por prejudicar o espírito da nação".

Por seu lado Luís Folhadela, 39 anos, a trabalhar no BFA, em Angola, recordou que historicamente, em Portugal, "a emigração é um mecanismo natural de

ajustamento que a economia portuguesa" tem. "O grande sustentáculo da economia portuguesa neste momento é realmente a capacidade de exportação, não apenas de talentos mas das próprias empresas portuguesas. (...) infelizmente, tendo a concordar que

nesta altura me parece que é quase inevitável que a emigração surja". Luís Folhadela considerou, no entanto, ser "dramático esta emigração mais qualificada".

"Este evento onde estamos é de uma escola de prestígio, de uma das melhores da Europa e constatamos que há uma grande parte dos nossos colegas que saem directamente desta universidade e que o país não consegue aproveitar", lamentou, acrescentando que "enquanto a sociedade portuguesa não for capaz de criar mecanismos que lhe permitam reter os talentos, inevitavelmente estamos condenados a ser um país que vê, recorrentemente, perder talentos".

Já Rui Barros defendeu que "Portugal, como qualquer outro país, sempre esteve exposto ao risco da fuga de talentos por via da globalização e não por via desta crise". ♦